

Produtos da Gente: histórias da agricultura urbana¹

Rodrigo Rossi Morelato;

Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPG-COM-UERJ)

Resumo:

O artigo é fruto de uma pesquisa participante realizada junto à Rede Carioca de Agricultura Urbana, mais especificamente, de sua fração organizativa Juventude Agroecológica. Se propõe a descrever parte do processo comunicativo desejoso de mudança desenvolvido no período 2019-2020 por jovens dispersos pela cidade do Rio de Janeiro. De uma plenária realizada em plena mata, passando pela disputa de um microfunding e à midiaticização de histórias de bens e de vidas, os *podcasts* da Juventude Agroecológica contam as histórias da agricultura urbana.

Palavras-chave: Cidadania; Agroecologia; *Podcast*; Segurança Alimentar.

Introdução

Em 2020, feiras agroecológicas foram proibidas na cidade do Rio de Janeiro. A justificativa era clara e bem assentada: se devia a uma questão sanitária dado o contexto pandêmico. Ao movimento agroecológico carioca, duplo desafio se apresentou à sua sustentabilidade: como garantir a renda dos agricultores urbanos e peri-urbanos da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, uma vez que não há feira?; como garantir o abastecimento de parte da população da cidade, sobretudo em segmentos mais vulneráveis onde o movimento historicamente fomenta feiras onde se pratica o preço justo?

Neste texto, fruto de uma pesquisa participante (BRANDÃO, 2006) desenvolvida desde 2019, descrevo processos comunicacionais protagonizados por uma fração organizativa da Rede Carioca de Agricultura Urbana (REDE CAU), a Juventude Agroecológica da REDE CAU, formada em 2014 durante uma das plenárias semestrais na qual nesse movimento de movimentos aglutina seu planejamento estratégico.

¹ Trabalho apresentado no GT 05 – Comunicação Cidadã: Gênero, Raça, Diversidade e Redes Colaborativas no Contexto da Pandemia da XV Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã 2020-2021, de 22 a 24 de junho de 2021, na modalidade online – realizada ABPCOM – Associação Brasileira de Pesquisadores e Comunicadores em Comunicação Popular, Comunitária e Cidadã e UNESP – Universidade Estadual Paulista / FAAC – Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Departamento de Comunicação.

A proposta é de se acompanhar, na medida do possível, a comunicação processual (KAPLÚN, 2002) desenvolvida pelos jovens agricultores da cidade que se vêem repentinamente abstraídos da experiência de cidade e desejam a manutenção de vínculos sociais entre agricultores e consumidores; desta vez não processualmente, como nas feiras de rua, com o adensamento tecnológico viabilizado por uma série de *podcasts* sobre histórias de vida e histórias de bens que circulam pela cidade.

Uma plenária das juventudes

Em janeiro de 2019, um grupo de jovens se encontrou nas encostas do Maciço da Pedra Branca, na extrema Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro. Vindos de todas as partes da cidade, eles compõem a Juventude Agroecológica, fração organizativa da Rede Carioca de Agricultura Urbana (REDE CAU), um movimento de movimentos sociais, formado em 2009, que pratica, partilha e disputa propostas de desenvolvimento sustentável para a cidade do Rio de Janeiro.

Aquele era o dia da plenária anual para essa fração do movimento agroecológico da cidade e, após uma breve caminhada pelas matas do maciço, chegou-se a um pequeno bangalô onde um café da manhã composto de produtos locais, um chamado “café da roça” os esperava: batata doce e aipim cozidos, pães artesanais, banana, mamão, patês e pastas temperados com ervas aromáticas, águas saborizadas e café preto. A alimentação foi fornecida por outro círculo desse movimento, a Roda de Mulheres da REDE CAU, que naquele dia também se encontrava para realizar algumas de suas atividades e, sendo 2019 o ano no qual tal movimento de movimentos completaria dez (10) anos de instituído, nada mais justo que subsidiar a juventude com algum apoio.

A plenária começou após as conversas do café da manhã. Os jovens se colocaram um círculo e um deles, estudante de teatro, mediou uma breve atividade de relaxamento corporal com alongamentos, danças, cantos e palmas. Também foi feita uma pequena mística para melhorar entrosar e estabelecer um comum naquele grupo tão diverso; nessa mística, se caminhava subindo e descendo um rio imaginário e, nesse caminhar da foz à nascente do pensamento, os jovens paravam de tempo em tempo para descansar e contar um pouco da trajetória de cada grupo e seus desejos de transformação social através da agroecologia.

Depois de “quebrado o gelo”, foram formados pequenos grupos que debateriam os principais “desafios” e as principais “fortalezas” que cada jovem via em seu território. Seria através desse tipo de pronúnciação do mundo que o restante das atividades do dia seria desenvolvido. A certa altura, um pouco antes do almoço, uma jovem moradora da Zona Oeste, que era uma das facilitadoras da dinâmica, reuniu a todos e disse:

Eu passei nos grupos conversando e a gente foi vendo que tinham quatro grupos: geração de renda, formação, intercâmbios e comunicação. Esses grupos pensaram em metas, em objetivos, e de co-

mo eles gostariam que fosse 2019. E a gente entende ficar na mão de todo mundo, fica muito complicado pra gente ter uma organização. Então, o que a gente conversou e todo mundo concordou bastante foi de a gente ver pessoas que se sentem à vontade um pouco como responsável de um determinado grupo... Então... Quem aqui se sente à vontade pra fazer acontecer as propostas de cada grupo? Então, quem se sente à vontade pra fazer essas coisas acontecerem?²

Assim foi acordado e todos partiram para um almoço agroecológico composto de arroz, feijão, farofa de chaya, frango com ora-pro-nóbis, ovos caipiras cozidos e um empadão de carne de jaca (para aqueles com restrição alimentar). Após o almoço, os grupos se dividiram novamente e, para cada um desses grupos, foram dadas duas folhas de cartolina nas quais se podia ler em cada face um dos temas que haviam debatido ao longo da manhã: comunicação, geração de renda, intercâmbios e formação. Nas próximas duas horas, cada grupo debateu e sistematizou naquelas folhas atividades que já desenvolviam ou queriam desenvolver em cada um desses eixos norteadores.

Ao final desse diálogo sobre o que fazer, se puseram novamente em círculo e um representante de cada grupo pode falar um pouco de suas fortalezas: como os jovens da comunidade Bosque das Caboclas (Zona Oeste) que, produzindo mudinhas, as vendiam pelo preço de um modal de transporte público e, assim, conseguiam se locomover melhor pela cidade; também os jovens da comunidade Sérgio Silva (Zona Norte), que desde 2016, faziam pequenos filmes e transmissões ao vivo sobre o manejo de hortas e a demarcação de trilhas; não poderia passar em branco o grande mutirão da colheita dos caquis, que envolve toda a juventude agroecológica da cidade. A cidade do Rio de Janeiro o segundo produtor do estado, com mais de 712 toneladas anuais (LIMA, 2019), como os jovens feirantes de Campo Grande trouxe em sua fala.

Imagem 01



Juventude da REDE CAU em plenária. Fonte: REDE CAU

² Fala da jovem mediadora, em registro em vídeo. Acervo pessoal.

Desse grande encontro foi feito um relato compartilhado com as outras frações organizativas da Rede Carioca de Agricultura Urbana, bem como no próprio grupo de *whatsapp* mantido pela Juventude Agroecológica desde 2014, quando esse grupo de trabalho foi instituído, cinco anos antes, durante uma das plenárias do movimento agroecológico do Estado do Rio de Janeiro.

De fato, o modelo de organização que a Rede Carioca de Agricultura Urbana desenvolve, organizado em Grupos de Trabalho temáticos autogestionados, tem forte tradição nos processos de comunicação nos movimentos populares (PERUZZO, 1998). Atualmente existem, na REDE CAU, cinco grupos de trabalho: Governança; Roda de Mulheres; Mercados; Juventude; Comunicação. Essa mesma estrutura organizativa é seguida ou se faz reflexo de quase a totalidade da frente cultural da qual a REDE CAU participa a nível estadual – através da Articulação de Agroecologia do Rio de Janeiro (AARJ) – e nacional – através da Articulação Nacional de Agroecologia (ANA).

Já a partilha do relato no grupo de *whatsapp* era uma maneira de disponibilizar informações, fortalecer os vínculos e fomentar a participação entre os jovens que não puderam estar presencialmente nessa atividade, afinal, segundo a Organização Não-Governamental Agricultura Familiar e Agroecologia (AS-PTA), compõem a juventude agroecológica mais de trezentos (300) jovens que praticam a agricultura urbana, o artesanato, a educação ambiental, a educação popular e diversos movimentos sociais, segundo um boletim³. Uma vez que os participantes da plenária presencial da Juventude Agroecológica contava com aproximadamente trinta (30) jovens, ou seja, menos que um décimo de sua totalidade, era preciso ao menos tentar ampliar a participação através da tecnologia digital – sendo recomendado a cada jovem retornar à sua base e realizar um repasse oral do que tinha acontecido no dia da plenária presencial da qual tinha participado.

Uma cartografia participativa

Cerca de dois meses depois, foi encaminhado àquele mesmo grupo de *whatsapp* da Juventude Agroecológica um breve texto acompanhado de um link: se tratava de um pequeno edital operado pela Casa Fluminense – uma ONG promotora de governança e cidadania no Estado do Rio de Janeiro – com recursos advindos da Open Society Foundations, cuja temática era o mapeamento e fortalecimento de iniciativas capazes de promover os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável

³ Vide < <http://aspta.org.br/2020/11/16/boletim-02-sertao-carioca-conectando-cidade-e-floresta/>> (acessado em 15 de maio de 2021)

(ODSs) na Região Metropolitana do Rio de Janeiro a partir de uma sistematização que a própria Casa Fluminense tinha realizado no ano anterior: a Agenda Rio 2030⁴.

Imagem 02



Objetivos do Desenvolvimento Sustentável. Fonte: Organização das Nações Unidas.

Ao longo dessa troca de mensagens de *whatsapp*, uma jovem explicitou que as atividades desenvolvidas pelos jovens agremiados pela REDE CAU desenvolvem diversos dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável da Organização das Nações Unidas. Frisou que seria uma oportunidade interessante escrever um pequeno projeto para concorrer ao edital, desde que obedecesse aos princípios sistematizados pela plenária organizativa da Juventude Agroecológica realizada no começo daquele ano: comunicação, geração de renda, formação e intercâmbios. A ideia também foi encaminhada à Articulação de Agroecologia do Rio de Janeiro (AARJ), que também possui um grupo de trabalho de juventudes, autogestionado.

Em uma reunião facilitada pela virtualização de uma reunião síncrona, tirou-se a proposta a ser submetida ao edital: uma cartografia participativa, a ser realizada através da palavra falada. Com os recursos provenientes do *microfunding* da Casa Fluminense/Open Society Foundations seria viabilizado transporte e alimentação para uma segunda plenária da Juventude Agroecológica, a ser realizada em Campo Grande – meio de caminho entre o centro e a Zona Oeste da cidade –, além de uma oficina formativa desenvolvida junto à Universidade do Estado do Rio de Janeiro, sobretudo ao

4

Disponível em <https://casافلuminense.org.br/wp-content/uploads/2020/09/03_CASA_agendario2030_miolo_compressed.pdf> (acessado em 15 de maio de 2021)

Laboratório Cidade e Consumo (Lacon), ao qual caberia o primeiro podcast⁵ de uma série de outros sete (07) sobre os fazeres da agricultura urbana e da agroecologia na cidade, todos visando os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável da Organização das Nações Unidas.

Sistematizado, escrito e submetido, o projeto foi aprovado e, dentre outros quinze (15), deveria desenvolver um plano de trabalho capaz de, com exíguo orçamento, colocar em contato e circulação as inovações que as juventudes do movimento agroecológico desenvolviam por toda a cidade, afinal, naquela ano seriam os dez anos da REDE CAU e, coincidentemente, se iniciaram os processos de revisão do Plano Diretor Municipal, uma obrigatoriedade decenal a todos os municípios com mais de vinte mil habitantes segundo a Constituição de 1988.

Num ano demandante de tantas ações e sistematizações, a cartografia protagonizada pela Juventude Agroecológica foi relativamente bem acolhida e, no outono de 2019, um pequeno vídeo feito com celular em punho circulou as redes. Uma jovem negra, filha de agricultores da Região Metropolitana e estudante de educação no campo na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), fez a chamada:

Olá, Juventude Agroecológica! O negócio é o seguinte: sábado, na Feira de Campo Grande, às nove da manhã, vai estar todo mundo convocado aí pra estar fazendo parte da nossa oficina de formação do nosso projeto “Ouça a Voz das Juventudes”. A ideia do projeto é a gente estar rodando pela cidade do Rio de Janeiro e pela [Região] Metropolitana com um celularzinho na mão gravando podcast, que é o rádio pra internet! Vai ser podcast falando de nossas realidades, de quem somos, das nossas juventudes, de nossos quintais, das nossas feiras e de todas as nossas experiências agroecológicas.⁶

No dia 13 de julho atenderam ao chamado cerca de vinte jovens das Zonas Norte, Oeste e Sul do Rio de Janeiro. Logo cedo já estavam na Casa Bosque, uma pequena chácara ajardinada, pequeno equipamento cultural, que dista cerca de um quilômetro da estação de trem do bairro. Quando todos haviam chegado, partiram para a Feira Agroecológica de Campo Grande, que não fica muito longe dali e que recentemente havia completado vinte (20) anos de atividades ininterruptas.

Essa feira se realiza semanalmente no jardim de um abandonado casarão pertencente à Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio de Janeiro (EMATER-RIO). No passado, esse centro de apoio à produção rural e de controle de zoonoses teve papel importante na implementação de ações de extensão rural nas antigas Zonas Rurais do Distrito Federal (1898~1960), posteriormente Estado da Guanabara (1960~1975). Com as transformações institucionais pelos quais passou esse enorme espaço hoje conhecido como Zona Oeste do Rio de Janeiro, sobretudo através do

⁵ Disponível em <http://www.lacon.uerj.br/novo/index.php/2019/08/06/terceiro-episodio-do-podcast-la-con-quem-esta-no-ar/> (acessado em 15 de maio de 2021)

⁶ Disponível em <https://www.facebook.com/watch/?v=2354828104731806> (acessado em 15 de maio de 2021)

Decreto 322/1974, uma série de imbróglis se colou à prática da agricultura convencional na cidade e o centro de apoio da EMATER de Campo Grande foi paulatinamente esvaziado e abandonado.

Em seu livro, fruto de sua tese de doutoramento, Antônio Cândido denunciou que, já em 1947, no interior paulista, a informação era um fator crucial para os pequenos agricultores que trabalhavam sob o sistema de parceria (ou meação). Geralmente analfabetos e sem acesso a meios de transporte que os levasse até as praças de comércio dos seus produtos, dependiam exclusivamente do pregão informado por seu parceiro proprietário da terra ou pelo atravessador capaz de transportar os produtos até os mercados e praças de comércio. Ao não saberem o preço praticado pelos produtos que cultivavam, os parceiros dependiam da honestidade do proprietário das terras que arrendavam, prática que muitas vezes levavam a um endividamento desses agricultores camponeses.

Na Zona Oeste do Rio de Janeiro essa situação também se repetiu por muitos anos sendo que, nos anos 1940 e 1960 houve diversas iniciativas de organização dos agricultores desse “Sertão Carioca”, seja através de um apoio maciço ao Partido Comunista Brasileiro e sua maior liderança, Luis Carlos Prestes, fazendo a maior bancada distrital nas eleições de 1945, seja na implementação de Ligas Camponesas nos bairros rurais do Estado da Guanabara, nos anos 1960 (SANTOS, 2018).

No fim dos anos 1990, com o avanço do processo democrático, os agricultores dessa parte das terras cariocas puderam novamente se associar. Inicialmente, procuraram estabelecer um circuito curto de comercialização de seus produtos livres de agrotóxicos ou insumos químicos, produzidos de forma tradicional nas franjas das áreas protegidas da Zona Oeste. Com o tempo, os feirantes formaram a Associação de Agricultores da Feira Agroecológica (AAFA) e, através dessa personalidade jurídica, buscam a administração do abandonado espaço pelo poder público.

Nesse espaço polifônico para a trajetória da agricultura urbana e agroecológica, os jovens da REDE CAU se encontraram: ali fez-se um café da manhã com frutas, geleias caseiras, pães artesanais, sucos, chás e café. Na sequência, começaram as atividades de uma oficina que prendia pesquisar aquela própria feira que alguns conheciam e, para outros, era inteira novidade.

Através de uma pesquisa prévia (MORELATO, 2019), a primeira parte da oficina consistia numa série de entrevistas feitas à comunidade de feirantes e consumidores. Desse modo, a juventude foi dividida em grupos e a cada grupo foi dada a oportunidade de escolher um produto em comercialização na feira naquele dia: caqui, banana, aipim, bertalha ou abacate. Cada produto representava um grupo e a cada grupo foi entregue um cartão com perguntas sobre a comunidade de feirantes e consumidores presente naquele dia. Perguntas como “Quem é o feirante que está há mais tempo na feira?”, “O que é esse casarão abandonado onde a feira acontece?”, “Que tipos de produtos você vende/compra sempre?” ajudariam a Juventude Agroecológica a experimentar o diálogo e a tecnologia – pois as respostas deveriam ser gravadas nos seus próprios celulares. Após essas atividades da parte da manhã, retornaram à Casa Bosque para um almoço agroecológico composto de

arroz, feijão branco com legumes, farofa de bertalha, franco cozido com quiabo ou carne de jaca, feito por uma das culinárias da Rede Carioca de Agricultura Urbana.

Imagem 03



Primeira oficina de podcasts, realizada na Feira Agroecológica de Campo Grande. Fonte: Juventude Agroecológica

De certo modo, se tratou de uma oficina realizada de modo dialógico na qual se buscava desmistificar a tecnologia e a produção de podcasts – sobretudo, nesse primeiro momento, a realização da entrevista e a captura de áudio. Iniciativa inspirada nas práticas dialógicas de Paulo Freire, como ele descreve em seu livro, afinal

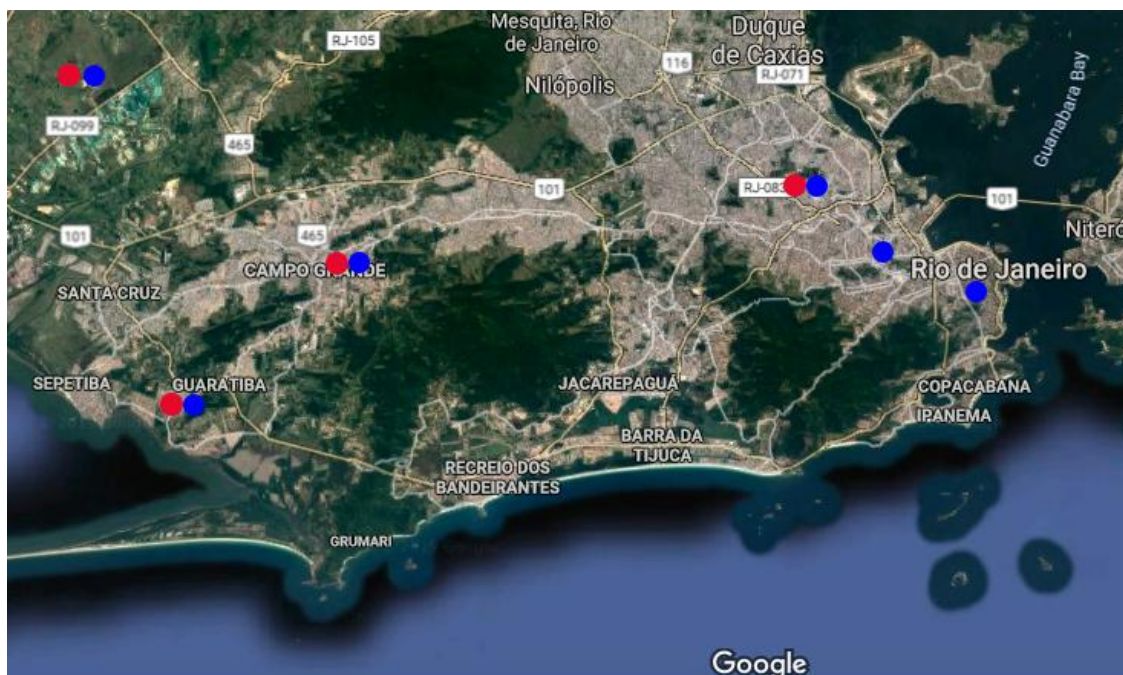
Para o educador-educando, dialógico, problematizador, o conteúdo programático da educação não é uma doação ou uma imposição – um conjunto de informes a ser depositado nos educandos – mas a devolução organizada, sistematizada e acrescentada ao povo daqueles elementos que este lhe entregou de forma desestruturada (FREIRE, 2014, p.116)

Na parte da tarde, fez-se uma edição coletiva desse primeiro *podcast* e uma grande reunião na qual a Juventude Agroecológica dialogou sobre quais os próximos temas que deveriam ser tratados em episódios futuros, quem poderia ajudar numa primeira sistematização das demandas de cada território, qual seria o melhor dia para a atividade e assim por diante. Através desse diálogo tecido ao longo de uma tarde de outono, se buscou um encontro mediatizado pelo mundo a ser pronunciado coletivo; mais especificamente, pelas diferentes práticas de agricultura da cidade.

Ao longo dos próximos meses realizamos um total de sete (07) outros *podcasts* a partir das experiências que iam da importância da Feira Agroecológica da Universidade do Estado do Rio de Janeiro para o movimento de agricultura urbana da cidade; das iniciativas de uma associação de

moradores do Bosque das Caboclas; das agroflorestas que atravessam a Serra da Misericórdia, em plena Zona Norte da cidade; da importância dos quintais para a segurança alimentar e nutricional dos cariocas; e outras iniciativas dispersas pela cidade e que, reunidas pelo objetivo de uma cidade mais socialmente justa e ambientalmente equilibrada, se agremiam na Rede Carioca de Agricultura Urbana.

Imagem 04



Onde foram realizadas as atividades. Em vermelho as localidades de residência dos jovens que participaram das atividades; em azul as localidades onde foram feitos os *podcasts*. Fonte: acervo pessoal.

Produtos da gente: histórias da agricultura urbana

No ano de 2020 a pandemia do COVID-19 agravou o já problemático quadro de insegurança alimentar na cidade do Rio de Janeiro que, acompanhando a tendência nacional representada pelo retorno do Brasil ao Mapa da Fome, só faz agravar as preocupações do movimento agroecológico da cidade.

Embora a cidade do Rio de Janeiro seja signatária do Pacto de Milão – uma iniciativa de cooperação internacional voltada à garantia da segurança alimentar nas cidades que, pela primeira vez na história, hospedam mais da metade da população mundial –, o contexto de pandemia agravou a viabilidade de seu modelo de segurança alimentar e nutricional voltado a atividades presenciais mediadas pelo Estado, como é o caso da alimentação escolar, os restaurantes populares, as feiras de rua e o fomento à produção de alimentos em hortas comunitárias e escolares.

Talvez pelo desinteresse do poder público em suas três esferas federativas, a cidade do Rio de Janeiro e sua população – tanto urbana quanto rural – teve sua vulnerabilidade social agravada pelo quadro da pandemia. As questões sanitárias desaconselhavam a realização das feiras de rua que o movimento agroecológico mantém em áreas menos privilegiadas da cidade – como o caso de Campo Grande e do Complexo do Alemão, dentre outras localidades – e assim traziam um duplo problema: como garantir a renda do pequeno agricultor agroecológico, privado da feira? Como assegurar a segurança alimentar dos moradores das comunidades, dependentes do preço justo praticado pelo movimento agroecológico?

Nesse cenário, a ONG Agricultura Familiar e Agroecologia (AS-PTA), uma das iniciativas institucionalizadas que compõem a REDE CAU, fomentou um processo que captou recursos capazes de garantir a circulação de treze (13) toneladas de alimentos entre o campo e a cidade, beneficiando diretamente mais de quatro mil (4.000) pessoas que receberam em suas casas cestas agroecológicas, cada qual contendo produtos secos como dois quilos de arroz, um quilo de feijão, dois quilos de farinha de mandioca e um quilo de café; de produtos frescos que compreendiam repolho, brócolis, quiabo, vagem, batata doce, aipim, couve, caqui, banana, mamão, pepino, abacate, cajá, tangerina, abóbora, cheiro verde, espinafre, transagem, aipo, rúcula, inhame, laranja, limão; bem como sabão agroecológico feito a partir de óleo de cozinha reutilizado.

Imagem 05



Um exemplo dos produtos frescos contidos numa cesta agroecológica. Fonte: Campanha Produtos da Gente

Os produtos que compunham essas cestas agroecológicas eram os chamados "Produtos da Gente", uma série de alimentos processados ou *in natura* produzidos sem a utilização de fertilizantes industrializados, sem a presença de defensivos químicos, respeitando a diversidade sazonal de cada alimento, os saberes associados ao seu plantio, a diversidade da vida e o respeito às relações humanas. Todos produzidos na Região Metropolitana do Rio de Janeiro, eles compõem circuitos curtos de comercialização e abastecimento que promovem a sustentabilidade do movimento agroecológico. São, também, um selo alternativo que certifica a procedência desses alimentos, segundo uma pequena brochura que acompanhava cada cesta, se podia ter melhor ideia do que se tratava, pois

O selo 'Produtos da Gente' representa o que a Agricultura Familiar produz na Região Metropolitana do Rio de Janeiro. São alimentos, artesanatos e outros produtos que levam renda para os agricultores familiares e saúde para consumidores. Essas expressões regionais, por meio da cultura e da economia, são os elementos de aproximação, estabelecidos em mercados justos e solidários, entre quem produz e quem compra." (AS-PTA, 2005, p. 3)

Diante desse cenário a Juventude Agroecológica foi capaz de intervir de modo bastante positivo, respeitando o distanciamento social e fomentando o vínculo social tão fragilizado em época pandêmica. Através de uma oficina prática apoiada pela AS-PTA, realizaram uma série de encontros semanais nas quais incluíram outros jovens às suas atividades, revisitaram vídeos e *podcasts* realizados em anos anteriores, conversaram sobre demandas atuais e decidiram: realizariam uma primeira temporada de podcasts chamada *Produtos da Gente: histórias da agricultura urbana*. Grosso modo, a proposta era de mediatizar a história de vida dos produtos e das pessoas (APPADURAI, 2008) que produziam os "Produtos da Gente" distribuídos nas comunidades da cidade do Rio de Janeiro a partir da iniciativa da AS-PTA.

Em reunião de pauta realizada online, tirou-se a pauta de quatro programas: o primeiro falaria da relação campo-cidade; dos demais sobre alguns dos produtos presentes nas cestas agroecológicas que foram distribuídas por toda a cidade, sendo os programas sobre o café produzido em Guapimirim, a batata doce de Magé e o sabão agroecológico produzido na Serra da Misericórdia, na Zona Norte do Rio de Janeiro.

Num primeiro podcast⁷ se fez como um "giro" pela cidade, a proposta dos *Produtos da Gente* foram apresentados, informações sobre a prevenção à COVID-19 foram dispersas, movimentos sociais que compõem a REDE CAU tiveram voz para falar brevemente de sua trajetória, importância e dos desafios da agricultura da cidade.

⁷ Disponível em <https://soundcloud.com/produtos-da-gente/podcast06?ref=whatsapp> (acessado em 30 de maio de 2021)

Um segundo podcast⁸ contou a história de um alimento seco que compunha as cestas agroecológicas: o café produzido pela Associação de Agricultores do Fojo (AFOJO), uma localidade do município de Guapimirim, na Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Entre um "causo" e outro, ficamos sabendo que parte dos agricultores de Guapimirim veio do estado vizinho do Espírito Santo, que essa associação foi criada em 1997 para fortalecer o trabalho dos agricultores da micro-bacia do rio Fojo, que o café é plantado em consórcio com outros alimentos e que ele pode ser encontrado em diversas feiras da cidade. Outros membros da REDE CAU também foram ouvidos e explicaram melhor qual o tipo de agroecologia que se pratica na segunda maior cidade do país. Ao final, as famílias que receberam as cestas agroecológicas *Produtos da Gente* puderam contar sobre o consumo que fizeram do café da AFOJO, de seus hábitos de consumo, das memórias que o cafezinho de fim de tarde evoca e, claro, do sabor diferenciado de um café agroecológico produzido "aqui mesmo, na cidade".

O terceiro podcast⁹ tratava de um produto processado: o sabão agroecológico produzido na Serra da Misericórdia, na Zona Norte do Rio de Janeiro. Último fragmento florestal dessa parte da cidade, cercada por cinco complexos de favelas, na Serra da Misericórdia um grupo de mulheres recolhe o óleo de cozinha já utilizado e o transforma em sabão a partir de um processo complexo filtragem, acondicionamento e processamento com soda em várias etapas. Produzido ao ar livre e com a utilização de equipamentos de proteção individual, o sabão agroecológico produzido na Zona Norte é excelente para lavar louças, auxilia na limpeza da casa, dá brilho às panelas e gera renda e sociabilidade para as mulheres das favelas da cidade.

O quarto e último podcast¹⁰ dessa temporada tratava de um produto fresco que acompanhou as cestas agroecológicas: a batata-doce produzida em Magé, também na Região Metropolitana. Cada cesta foi contemplada com cerca de um quilograma de batata doce da variedade cenoura, que tem a polpa alaranjada. Ao longo desse podcast ficamos sabendo que tal batata fora irrigada com água de nascente, que não apenas sua polpa, mas que as folhas e flores dessa planta também são comestíveis. Que a variedade foi trazida para Magé através de uma atividade de capacitação e extensão rural, que a agricultora que a havia produzido já tinha plantado meio hectare de outra variedade que também lhe havia chegado em mãos recentemente: a batata-doce de polpa roxa - e que a pandemia passasse logo, para que pudesse vendê-la nas feiras agroecológicas da cidade, como estava acostumada.

⁸ Disponível em <https://soundcloud.com/produtos-da-gente/produtos-da-gente-o-cafe-de-guapimirim> (acessado em 30 de maio de 2021)

⁹ Disponível em <https://soundcloud.com/produtos-da-gente/produtos-da-gente-sabao-ecologico> (acessado em 30 de maio de 2021)

¹⁰ Disponível em <https://soundcloud.com/produtos-da-gente/produtos-da-gente-batata-doce-cenoura> (acessado em 30 de maio de 2021)

Considerações finais

Neste texto descrevo atividades de uma rede colaborativa em contexto pandêmico. A escolha foi por apresentar a processualidade da comunicação desenvolvida pela Juventude Agroecológica da Rede Carioca de Agricultura Urbana que, de uma plenária presencial realizada em 2019 à midiaticização das histórias de vida e dos bens que envolvem a circulação dos *Produtos da Gente* em 2020, parte do desejo de falar e se dissolve numa série alimentos a serem consumidos nas cozinhas e de *podcasts* a serem escutados em grupos de *whatsapp*.

Ao longo desta caminhada, tentei explicitar parte da trajetória coletiva e modo de organização do movimento agroecológico da cidade do Rio de Janeiro. Teci relações de suas ações locais com agendas de desenvolvimento sustentável a nível global. Revelei parte de uma cartografia sobre as práticas de agricultura da cidade. Expus a aplicação de métodos participativos de comunicação popular e narrei brevemente os conteúdos de *podcasts* realizados pela Juventude Agroecológica da REDE CAU.

Apreende-se que a Rede Carioca de Agricultura Urbana, um movimento de movimentos sociais, atualmente com mais de uma década de instituída, comunica a diferença e o desejo de mudança na cidade através de duas midiaticizações: a primeira, através de alimentos a serem consumidos em contexto de grave insegurança alimentar; a segunda, através de *podcasts* que restituem a proximidade em épocas de distanciamento social imposto pela crise sanitária.

Referências bibliográficas:

- APPADURAI, Arjun. **A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural**. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008.
- AS-PTA. **Produtos da Gente – sabores tradicionais da agricultura familiar da Região Metropolitana do Rio de Janeiro: Caqui**. Rio de Janeiro : Reproset, 2017
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Pesquisa participante: a partilha do saber**. Aparecida, SP : Ideias&Letras, 2006
- CÂNDIDO, Antônio. **Os parceiros do Rio Bonito**. Rio de Janeiro : Ouro sobre Azul; São Paulo : Edusp, 2017
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 2014
- KAPLÚN, Mario. **Una pedagogía de la comunicación (el comunicador popular)**. La Habana : Editorial Caminhos, 2002
- LIMA, Caren. **Agriculturas na e da cidade do Rio de Janeiro: dicotomias e as especificidades da agricultura urbana**. [Dissertação em Economia] Seropédica (RJ) : UFRRJ, 2019
- MORELATO, Rodrigo Rossi. **Produtos da Gente: o retorno do Sertão Carioca**. In: IX Fórum de Debates Povos e Culturas das Américas, 2019, Rio de Janeiro. Anais do IX Fórum de Debates Povos e Culturas das Américas, 2019.
- PERUZZO, Cicilia Maria Krolhing. **Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania**. Petrópolis, RJ : Vozes, 1998

RODRIGUES, Renan de Oliveira. **Cidade, participação social e segurança alimentar e nutricional: o conselho municipal de segurança alimentar e nutricional do Rio de Janeiro (CONSEARIO) na formação da agenda pública.** [Dissertação em Ciências Sociais] Seropédica (RJ) : UFRRJ, 2019

SANTOS, Leonardo Soares dos. **Um sertão entre muitas incertezas: a luta pela terra na zona rural da cidade do Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro : Agbook, 2018